

TV aberta exhibe
'Achados e Perdidos'

PÁGINA 3



Thiago Soares leva
sua dança
ao Casa Grande

PÁGINA 6



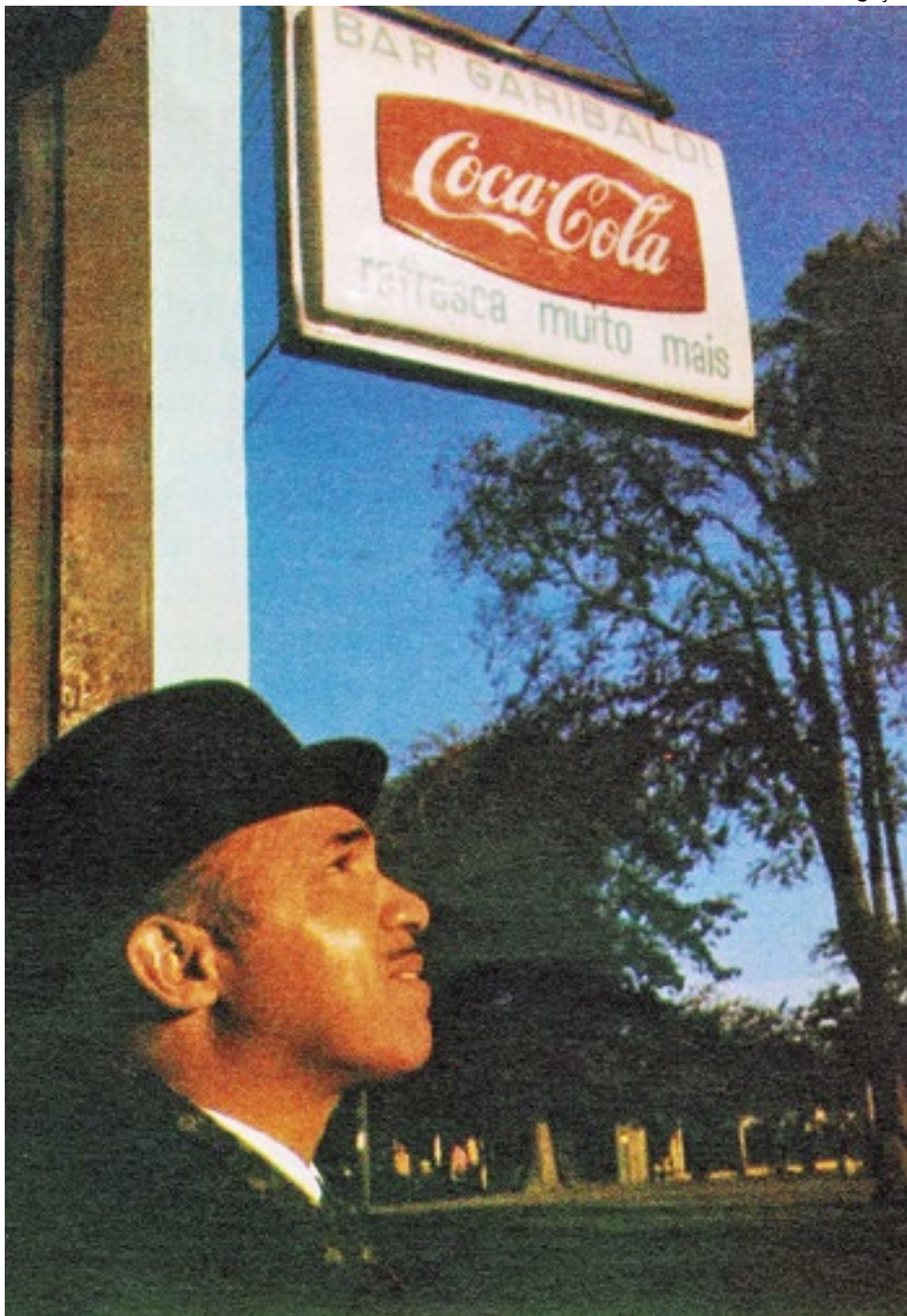
Mangás de 'Blade'
chegam às bancas
e ao streaming

PÁGINA 7



2º CADERNO

Divulgação



*Lupicínio Rodrigues
e sua obra
inspiraram Alfredo
Manevy num
documentário que
supera a linguagem
do estilo*

Se acaso VOCÊ filmasse...

Documentário de
Alfredo Manevy
sobre Lupicínio
Rodrigues alcança
a poesia musical

Por **Sérgio Alpendre** (Folhapress)

Numa primeira impressão, "Lupicínio Rodrigues: Confissões de um Sofredor", de Alfredo Manevy, é um documentário musical como muitos outros. Vemos um empilhamento de imagens de arquivo com entrevistas de várias épocas e até uma narração do outrora onipresente Paulo César Pereiro. Dois fatores, contudo, contribuem para mudar um pouco a avaliação.

O primeiro vem de um obstáculo: a produção tinha material de entrevistas com o compositor, feitas de 1968 a 1974, ano de sua morte, mas a maior parte somente em áudio. A saída foi inventar com a dissociação entre imagem e som.

Quando Lupicínio fala dos três meses que passou vendendo samba no Rio de Janeiro para se sustentar, vemos imagens de fotos e filmes da época, e principalmente de "Rio Zona

Norte", de 1957, longa de Nelson Pereira dos Santos que narra, disfarçadamente, uma história com pontos parecidos, a de Zé Keti.

Essa associação criativa e libertária entre imagens e sons de arquivo põe o espectador diretamente em uma ambiência musical de outros tempos, com suas particularidades e precariedades, figuras folclóricas e aproveitadores.

O outro fator vem do próprio biografado. Nesse tipo de filme, é melhor que tenha participado de boas histórias. Lupicínio, compositor de fala mansa e canções marcantes como "Nervos de Aço", "Volta" e "Felicidade", é protagonista de várias delas. Desde a infância e a adolescência, na Ilhota, bairro boêmio de Porto Alegre, até quando serviu ao Exército em Santa Maria, no interior do Rio Grande do Sul, e compôs uma canção criticando a comida.

As desilusões amorosas que ele transformava em músicas; as amantes e até uma esposa paralela, cuja filha é uma das entrevistadas; os bares e restaurantes que abriu para dar espaço a músicos; a maneira como algumas de suas canções viajavam por todo o Brasil e mesmo a Argentina e o Uruguai.

Um de seus sucessos, "Se Acaso Você Chegasse", foi até utilizada em um filme de Hollywood, "Dançarina Loura", de 1944, numa versão instrumental jamais creditada ao verdadeiro compositor.

Continua na página seguinte

CORREIO CULTURAL



Reprodução

Elis Regina completaria 79 anos no domingo

Versão de Elis de 'Para Lennon & McCartney' é remasterizada

A gravação de Elis Regina "Para Lennon e McCartney" ganhou uma nova versão em que a voz da cantora foi restaurada e remasterizada. A produção foi de João Marcello Bôscoli, um dos filhos de Elis, que faria 79 anos no domingo.

Por enquanto, a versão da canção escrita por Fernando Brant, Lô Borges e Márcio

Borges originalmente para o álbum "Clube da Esquina" (1972) pode ser ouvida na rádio Nova Brasil FM ou no Instagram de Bôscoli. A edição foi feita por Ricardo Camera, no Estúdio Trama NaCena. De acordo com a emissora, o material foi produzido a partir de arquivos de estúdio recuperados. Um novo arranjo foi gravado.

Com o pé fora

Márcio Garcia deverá sair em breve da Globo. O apresentador tentou emplacar um novo projeto na emissora, mas não houve interesse em produzi-lo. Seu contrato fixo com a empresa termina este e dado como certo de que não será renovado.

II Divo em turnê

O grupo vocal II Divo está de volta ao Brasil com uma turnê que passará por quatro capitais brasileiras: Rio (18/5), no Vivo Rio; São Paulo (23/5), no Espaço Unimed; Curitiba (25/5), no Teatro Guaira; e Porto Alegre (26/5), no Auditório Araujo Viana.

Rock in Rio

Mariah Carey foi confirmada como atração do Rock in Rio 2024. Ela fecha a noite do Palco Sunset no dia 22 de setembro. A artista, que não canta no Brasil há 14 anos, divide a noite do último dia com o cantor Shawn Mendes no Palco Mundo.

Rock in Rio II

O evento divulgou ainda que Cyndi Lauper, dona de clássicos como "Girls Just Want to Have Fun" e "True Colors", vai se apresentar no festival em 20 de setembro, o penúltimo dia de shows, que terá uma programação 100% feminina, incluindo Katy Perry.



Cena de 'Lupicínio Rodrigues: Confissões de um Sofredor', documentário de Alfredo Manevy

Um compositor que seria cancelado nos dias de hoje

Um entrevistado informa das duas grandes matrizes da música de Lupicínio: o samba carioca e o tango argentino. Logo depois, uma versão de "Vingança" evidencia essas matrizes, o que mostra um desejo de amarrar as histórias, preocupação que esbarra também na constatação de que o compositor hoje seria cancelado.

Suas músicas falam de vingança, dor de cotovelo, mulheres traioeiras. Têm teor machista, por vezes até misógino. Falam de um "sentimento da cornitude", na expressão de Augusto de Campos, e desfilam ideias que já não são mais aceitas.

Argumenta-se, com razão, que o cancelamento desmancharia um importante marcador do tempo e os sinais do que melhorou e do que falta melhorar em nossa sociedade

O filme não desvia do racismo, que perpassa toda a carreira do músico e o Brasil da época. O bairro de Lupicínio era basicamente habitado por negros, segregados de uma sociedade que ainda guardava o ranço escravocrata. Mas era também onde boa parte da melhor música da cidade era criada.

Sua ligação com o Grêmio, por exemplo, parece ter se dado porque o Internacional foi o único clube local que não aceitou

treinar contra o time amador de seu pai, formado unicamente por jogadores negros. Lupicínio compôs o hino do tricolor de Porto Alegre.

Vemos o respeito que músicos de gerações posteriores como Gal Costa, Gilberto Gil, Caetano Veloso, Marisa Monte ou Cazuza tinham por ele. Cazuza chega a dizer que Lupicínio talvez fosse sua maior influência.

Somos informados de que os músicos negros tocavam muito nos cinemas da cidade. A partir dessa informação, o filme mostra a modernização do bairro da Ilhota, que coincidiu com a ditadura militar.

Esse passeio que o filme faz, puxado por temas e músicas, pela arte de um grande compositor e o contexto em que ele a criou, traz uma certa graça caótica que combina com a música de Lupicínio, com o cruzamento de influências de que falávamos anteriormente.

Ao fazer coincidir a liberdade da música com a do filme, Manevy alcança uma poesia parcialmente acidental, parcialmente arquitetada, elevando o filme a um nível superior no documentário musical brasileiro.

TV Brasil resgata o memorável 'Achados e Perdidos' de José Joffily, baseado num dos best-sellers do escritor, referência em estudos do inconsciente à luz de Freud

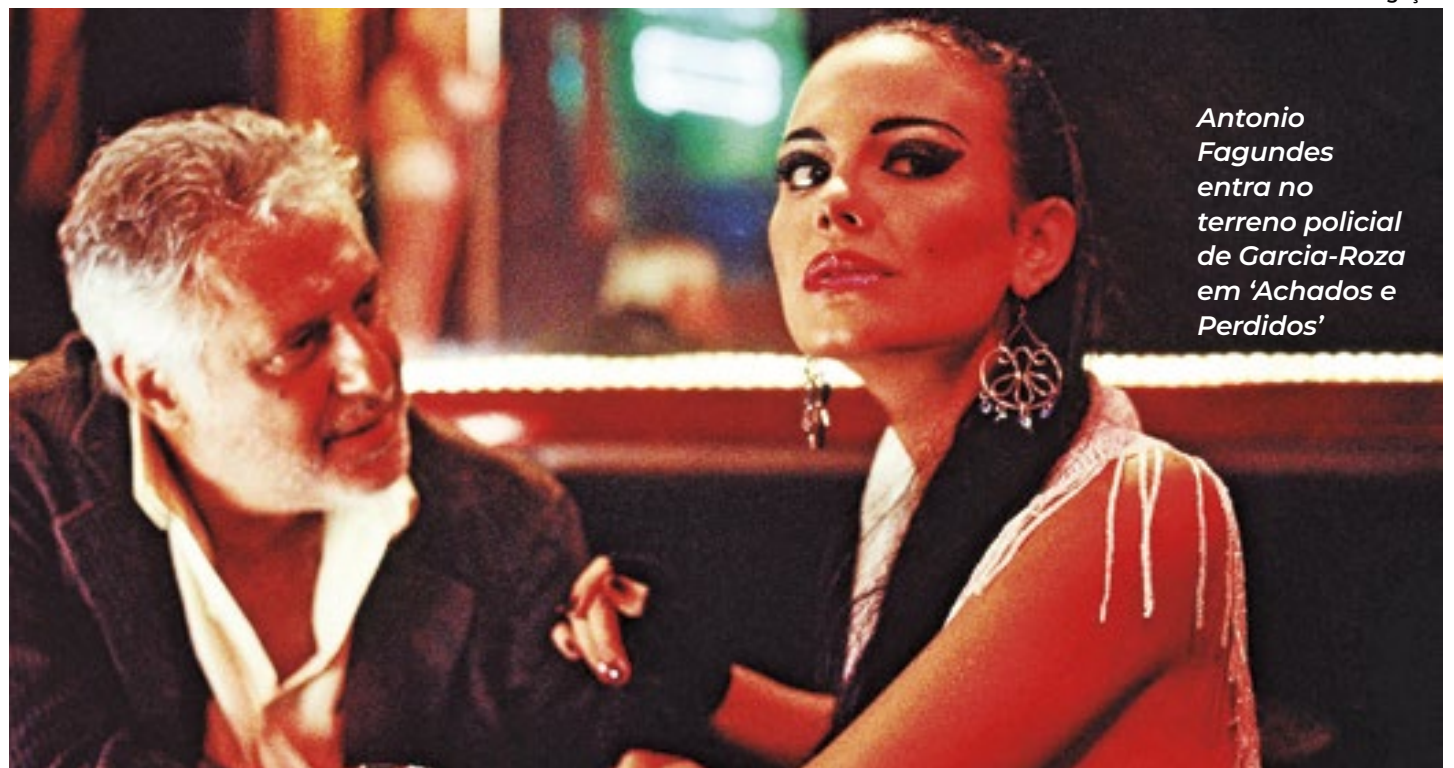
Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Ao cartografar seus personagens, numa entrevista para o Correio da Manhã, o escritor Luiz Alfredo Garcia-Roza (1936-2020) foi ao âmago de Vieira, policial envolvido com a vida noturna de Copacabana, no romance "Achados e Perdidos", a fim de entender sua bestialidade. No olhar de seu autor: "O Homem é mau, e violento, potencialmente. Até o Espinosa, delegado que aparece em meus livros, mas, pela ética dele, potência não vira ato: a violência não sai dele".

Em 2005, Vieira ganhou as telas, encarnado em Antonio Fagundes, numa atuação seminal. Às 21h30 desta noite, a versão homônima de um dos livros mais seminais da prosa criminal brasileira vai ganhar espaço nobre na TV Brasil. A direção (impecável, aliás) é de José Joffily, que deixou o popular Espinosa de fora.

Tramas como as de "Achados e perdidos" (1998) e "Na Multidão" (2007) fizeram Garcia-Roza um sinônimo de excelência em nossa literatura. Há tempos, o gênero acolheu o



Antonio Fagundes entra no terreno policial de Garcia-Roza em 'Achados e Perdidos'

A Copa de Garcia-Rooza na TV aberta

professor da UFRJ e da Uerj - referência nacional nos estudos de Psicanálise, por ensaios seminais como os de "Freud e o Inconsciente", que ele publicou em 1987, e é estudado até hoje como leitura obrigatória em cursos de Comunicação e Psicologia.

Desde 1996, com "O silêncio da chuva", Garcia-Roza escreve sobre investigações, assassinatos e rotinas de delegacia. Outro de

seus romances sobre crime, "Berenice procura" (2005), ganhou uma livre adaptação para o cinema, sob a direção de Allan Fiterman, com Cláudia Abreu no papel central, que hoje está em cartaz no circuito brasileiro.

"Freud não entra no que escrevo. Nem Freud entra. Nem ele, nem a Filosofia, pois seria a morte da possível literatura que busco produzir, marcada pela presença maciça do

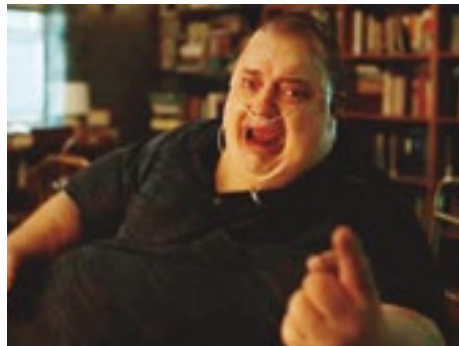
Rio de Janeiro, de Copacabana. Meu campo ficcional é o universo dos agentes de um aparelho do estado: a Polícia", dizia o autor.

Fotografado com a luz dionisiaca de Nnato Estrela, os "Achados e Perdidos" de Joffily mostram Vieira (Antônio Fagundes) como um delegado aposentado que vive um caso com Magali (Zezé Polessa), uma garota de programa. Quando ela é encontrada morta em sua casa, amarrada nua à cama e com um saco de plástico na cabeça, Vieira logo é considerado pela polícia como o principal suspeito do crime. Em meio às suspeitas, Vieira se envolve com Flor (Juliana Knust), uma jovem prostituta que era também muito amiga de Magali, e passa a ser chantageado por um velho companheiro da polícia, que agora é político.

Na TV Globo, a "Sessão da Tarde" desta quarta exhibe "Doolittle" (2020), com Robert Downey Jr.

Falta pouco para 'A Baleia' ancorar

Divulgação



Longa oscarizado repaginou a carreira de Brandon Fraser

Falta pouco para "A Baleia" ancorar na TV aberta. Há quem diga que, em poucos meses, o filme que repaginou a carreira de Brendan Fraser vai parar na grade da Globo. Mas, enquanto não chega por lá, o filme se aboleta na streaminguesfera, angariando fãs na Amazon Prime. Lá, o drama de Charlie (Fraser, ganhador do Oscar de 2023 por seu estonteante desempenho) dá nó nas entranhas de assinantes.

Farol dentro da ilha em que um dedicado professor de Produção Textual, Charlie,

transformou seu corpo, beirando 200 quilos e isolando-se do mundo, o escritor Herman Melville (1819-1891) cunhou a frase ideal pra quem ensina o verbo "perseverar": "É melhor falhar na originalidade do que ter sucesso na imitação". É o que Charlie diz a estudantes via Zoom, sem ligar a câmera de seu computador, alegando fala no hardware. A fala vem da incapacidade que ele tem em se aceitar. Ao aceitar a dor que o levou à condição retratada no inquietante "A Baleia" ("The Whale"), seu protagonista se imola diante da câmera. O

que dói em Charlie não são os quilos da obesidade mórbida que estão conduzindo-o para a morte, conforme a amiga e enfermeira Liz (Hong Chau, numa afetuosa composição) alerta. O que lhe dói é a incapacidade (aparente) de fazer com que a filha com quem ele pouco tinha contato, Ellie (Sadie Sink), possa se aceitar no turbilhão hormonal de sua adolescência. O longa é uma adaptação da peça homônima de Samuel D. Hunter, esculpida pelo cineasta Darren Aronofsky, o diretor de "Cisne Negro" (2010). (R. F.)

Série Mundo, da OSB, celebra a música da Rússia nesta quarta na Cidade das Artes

Desde sua concepção, a Série Mundo, da Orquestra Sinfônica Brasileira, vem homenageando compositores e músicos de diversas regiões do globo. A apresentação que dá partida ao ciclo de concertos da série em 2024, nesta quarta-feira (20), na Cidade das Artes, prestigia a riqueza musical e a tradição sinfônica da Rússia. O espetáculo conta com a regência de Javier Logioia Orbe e o solo de piano de Gustavo Carvalho. No programa, uma seleção de obras do conceituado compositor russo Piotr Ilitch Tchaikovsky.

Neste primeiro espetáculo da Série Mundo de 2024, os musicistas da OSB conduzem o público a uma viagem sonora à Rússia, através de obras de um de seus compositores mais representativos: Piotr Ilitch Tchaikovsky (1840 – 1893). Da vasta produção desse mestre romântico – cujo trabalho é marcado por melodias apaixonantes e enorme carga expressiva – serão ouvidos o virtuosístico “Concerto para Piano Nº 1” e a pungente “Sinfonia No. 6, em Si Menor. Quem assume a regência é o maestro argentino Javier Logioia Orbe, e o solista convidado é o talentoso pianista Gustavo Carvalho.

“Sem valor, absolutamente impossível de ser tocado... trechos tão desorganizados, tão desconexos, tão mal escritos, que nem mesmo poderiam ser melhorados; (...) seria melhor se todo o resto fosse destruído”. Quem lê as duras palavras de Anton Rubinstein fora do contexto em que elas foram proferidas jamais imaginaria que elas se referem ao “Concerto para Piano Nº 1 em Si Bemol Menor” de Tchaikovsky. Felizmente, ao invés de descartar a obra, o compositor optou por dedicá-la a outro pianista, Hans von Büllow, que foi responsável pela estrondosa première americana.

O evento não apenas popularizou o nome de Tchaikovsky nos Estados Unidos, mas também firmou a composição no cânone dos concertos para piano. Mesmo os menos iniciados reconhecem de imediato, os primeiros compassos do “Allegro non troppo e molto maestoso”.



Javier Logioia Orbe é o maestro convidado para o concerto que terá o pianista Gustavo Carvalho como solista

A grandiosidade de Tchaikovsky

Robusto e apaixonante, esse primeiro movimento apresenta um sem número de desafios técnicos ao solista, e conta com duas cadenzas brilhantes e virtuosísticas.

O andamento central é um terno “Andantino semplice” cuja atmosfera de leveza é remanescente dos balés de Tchaikovsky. O concerto chega ao fim com um compacto mas empolgante rondó, cujo clímax culmina em uma cascata brilhante de oitavas no piano.

Em 1893, 18 anos após compor o seu “Concerto para Piano Nº 1”, Tchaikovsky concluiu aquela que seria sua última sinfonia: a de No. 6, em Si menor, Op. 74. “Nunca em minha vida estive tão contente, tão orgulhoso, tão feliz sabendo que escrevi uma boa peça”, relataria o compositor em carta ao seu editor. Toda essa

satisfação e contentamento, no entanto, contrastam profundamente com o teor emocional da obra.

Apelidada de “Patética”, a sinfonia é sombria e densa, com episódios de grande carga dramática. O primeiro movimento – quase duas vezes mais longo que os demais – começa em um tom de resignação que estabelece a aura de toda a obra. Em pleno domínio de suas capacidades imaginativas, o compositor consorcia forma tradicional e conteúdo inovador, manipulando as forças orquestrais em favor de um efeito pungente. No segundo movimento, o pathos cede lugar à ternura, com uma “quase-vals” (em 5/4) que incorpora a “Canção da Flor” de “Carmen”, uma das óperas favoritas do russo. O “Allegro molto vivace”, por sua vez, é de um entusiasmo triunfante mas oco, o

que confere a ele certo acento trágico. A sinfonia termina com um inesperado movimento lento, marcado “Adagio lamentoso”, que conclui a obra em ares fúnebres. O próprio Tchaikovsky regiu a estreia da obra, em 28 de outubro de 1893. Ele morreria 9 dias depois.

SERVIÇO

ORQUESTRA SINFÔNICA BRASILEIRA - SÉRIE MUNDO (RÚSSIA)

Regência de Javier Logioia Orbe e Gustavo Carvalho (solista)
Cidade das Artes (Avenida das Américas, 5.300 – Barra da Tijuca)
20/3, às 19h30
Ingressos: Plateia e frisa - R\$ 60 e R\$ 30 (meia) | camarote: R\$ 50 e R\$ 25 (meia) | galeria: R\$ 30 e R\$ 15 (meia)

Uma cantautora e suas canções na intimidade

Acompanhada do violonista Pedro Franco, Monique Kessous celebra 15 anos de carreira em show no formato acústico



Central da Música

Monique Kessous apresenta canções de várias fases da carreira

A cantora, compositora e instrumentista Monique Kessous chega ao Rio nesta quarta-feira (20) para comemorar 15 anos de carreira com a turnê do show “O Meu Som é Seu de Perto” com a participação especial do multi-instrumentista Pedro Franco. A apresentação começa às 20h no Blue Note Rio.

O título do show foi retirado de um dos versos de “Coração”, uma das canções mais importantes da obra de Monique. Aqui sua obra chega ao público

em formato acústico, com canções autorais já conhecidas, como “Eu Sem Você” e “Frio”, além de releituras marcantes na voz de Monique e músicas inéditas, que começam a ser compartilhadas. Seu trabalho mais recente é o single “Caminho de Quem Passa”.

Conhecida por suas interpretações viscerais no palco, Monique é mais uma expressiva cantautora a conquistar seu espaço na cena musical contemporânea. Ela estuda música desde os 15 anos e geração. Possui três álbuns autorais lançados - “Com Essa Cor” (2008), “Monique Kessous” (2010) e “Dentro de Mim Cabe o Mundo” (2016) - e coleciona hits de sua autoria, incluindo músicas em trilhas sonoras de novelas da TV Globo, além de ter conquistado o Prêmio Multishow de Artista Revelação em 2011.

SERVIÇO

MONIQUE KESSOUS - O MEU SOM É SEU DE PERTO

Blue Note Rio (Av. Atlântica, 1.910 - Copacabana) | 20/3, às 20h
Ingressos a partir de R\$ 120 e R\$ 60 (meia)

UNIVERSO SINGLE

POR AFFONSO NUNES

Encontro de gerações

Com produção assinada por Galdino e Pedro Lotto, MC Caverinha apresenta seu novo single “Duvidosa”, que promove um encontro de gerações entre alguns dos maiores nomes do rap na atualidade. Além de Kauê - nome de batismo do jovem artista, com 16 anos recém completados -, participam da faixa ainda Baco Exu do Blues e Vulgo FK. “Duvidosa” traz os três rappers rimando sobre uma paixão cheia de altos e baixos por uma mulher. A faixa é um trap com a sonoridade envolvente das canções românticas.

Carol Demper/Divulgação Som Livre



Divulgação



O vício de fugir do fim

A banda Playmobys une indie e pop no single “Além do Infinito”, inaugurando sua nova fase criativa. Originária de Campos e conhecida por colaborações com artistas como The Libertines e Ivy Hoodrave, a banda planeja lançar um novo álbum até o final do ano, enquanto continua a oferecer sua discografia diversificada e expressiva. O vocalista e guitarrista, Conrado Muylaert, conta sobre o processo de criação do novo single. “Resolvi escrever sobre um sentimento que me acompanha: o vício de fugir do fim; o vício de viver para sempre todas as histórias”.

Divulgação



Fusão musical

A Nova Orquestra segue capitaneando uma mudança profunda na forma como as músicas erudita e popular se fundem. Mirando na democratização do acesso à música orquestral, o projeto se une à banda Braza para criar novas cores para o sucesso “Qual é o Rosto de Deus?”. A faixa é um dos destaques do álbum “Tijolo por Tijolo”, lançado em 2017 pelo quarteto carioca, agora totalmente repaginada em uma releitura acústica. A colaboração, embora inédita, é natural, partindo de um lugar de versatilidade e liberdade criativa para ambos os projetos.

Livre das amarras do repertório clássico das companhias, Thiago Soares apresenta 'Último Ato'

Por Cláudia Chaves

Especial para o Correio da Manhã

Da street dance Thiago Soares chegou ao posto de primeiro bailarino do Royal Ballet de Londres, um dos mais importantes ensembles do mundo. E o artista está no Rio com "Último Ato", sua última turnê internacional, em cartaz no Teatro Casa Grande.

Thiago abre o espetáculo falando de como construiu sua carreira, chegando à condição de solista dos mais importantes números do repertório de dança. Foi ainda o primeiro estrangeiro a dançar no Teatro Mariinsky (antigo Kirov), em São Petersburgo (Rússia), um dos palcos mais importantes do mundo da dança. Com apresentações em mais de 30 países, Thiago é um talento único nas artes performáticas, pois seu corpo, mãos, braços, pernas, expressam todas as histórias e os mais variados sentimentos.

Nesse novo passo, Thiago se liberta das coreografias famosas, das imposições da companhia, mesmo que essa seja importante, e alcança o patamar de um artista que é capaz de usar, sob a própria orientação, o que deseja. E "Último Ato" é justamente o primeiro nesse caminho do artista em busca de si mesmo. Meu corpo, minhas regras.

Diferente de tudo já feito na sua carreira, "Último Ato" é um espetáculo teatral no qual a linguagem utilizada é a dança. "Normalmente espetáculos de Ballet onde chamo estrelas da dança, acabam tornan-

do-se uma versão similar e mais sucinta das apresentações dos grandes teatros. O "Último Ato" é completamente diferente", compara.

"Nesse espetáculo temos artistas brasileiros, com origem no samba, na dança urbana, até mesmo no parkour. É uma coletânea de informações de movimento que transcende o clássico, ainda sendo um espetáculo de ballet clássico", acrescenta o bailarino sobre a apresentação que terá cerca de uma hora e meia e incluirá traços inéditos, como uma coda de afrobeat.

Dois pilares sustentam o impactante espetáculo. A nossa latimidade, pois o número de abertura e o tango e o término se faz um um medley de nossos ritmos populares:

samba, break, hip-hop, funk. O outro é o pas-de-deux, a mais difícil coreografia, pois dois corpos tem que expressar os mesmos sentimentos, em um fusão única de dois corpos.

O espetáculo conta com Letícia Dias, solista no Royal Ballet de Londres, Jaime Bernardes, Tairine Barbosa e Hélio Cavalcanti. A coreógrafa e bailarina Tairine Barbosa, descoberta por Thiago há alguns anos atrás no carnaval carioca, fará par com o artista em diversas cenas, trazendo justamente a sombra da reflexão.

Além disso, inovando em cena, a apresentação tem forte interação com o público. "Dessa vez, o público irá decidir o final", revela Thiago, mas sem spoiler. Além

disso, ao longo da apresentação diversas mudanças de perspectiva no cenário inserem ainda mais o espectador na história.

Entre os destaques, a tão utilizada barra, que torna-se quase um personagem do ato, sendo a cruz, a amiga e a sina do Primeiro Bailarino. O lugar para onde ele sempre volta. "Revisitei o meu passado e busquei referências da minha trajetória para incluir nessa nova linguagem. É um espetáculo que convida o público a uma reflexão, sem dúvidas".

Uma dança com o sol, um tango com o espírito da pressa em apagar uma estrela para o nascimento de uma nova e o questionamento sobre o peso do tempo e da idade sobre a arte. "Onde um bailarino

de 40 anos deveria estar? Existe uma ideia que uma vez que você está nos 40 e deixa de fazer grandes papéis, você morreu. O espetáculo mostra que você pode ir além. Uma desconstrução."

"Os lugares que já passei, dos viadutos de Madureira até os mais de 30 países através da dança, criaram em mim um liquidificador de arte que eu quero derramar nessa turnê. É uma miscelânea cultural, uma síntese do lixo ao luxo", afirma Soares. É dessa mistura de gente, culturas, músicas, que Thiago constrói algo única na cena do ballet. Um grande artista, único, incomparável é capaz de construir por si próprio o melhor da arte.

Meu corpo, MINHAS REGRAS



SERVIÇO

THIAGO SOARES -
ÚLTIMO ATO

Teatro Casa Grande (Av.
Afrânio de Melo Franco,
290 - Leblon) | Até 24/3,
quinta a sábado (20h) e
domingo (19h)

Ingressos a partir de
R\$ 150

Cult e best-seller a um só tempo, o mangá 'Blade of the Immortal' ganha nova edição no Brasil, tem álbuns encadernados no exterior e entra no streaming com filme e desenho

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Uma das mais notórias usinas da mangá do Brasil, a JBC já pôs em pré-venda online a nova edição de um sucesso de vendas que se estabeleceu como cult: "Blade of the Immortal", de Hiroaki Samura. A nova safra, com uma capa sofisticada e 448 páginas de leitura, chega às bancas no dia 16 de maio. Manji, espadachim sem parâmetros, avesso a normas morais, é seu anti-herói.

Aliás, a Amazon Prime brasileira (www.amazon.com.br) está vendendo álbuns encadernados de capa dura com a tradução em Inglês, da Dark Horse, desse assassino que se meteu com as forças das trevas sem querer.

Após ser encontrado quase morto, Manji é salvo por uma monja que acaba lhe dando vida eterna. Querendo sua mortalidade de volta, o samurai faz um acordo com ela: matar um determinado número de criminosos, e só então ela cumprirá sua parte no acordo. A morte e a espada andam lado a lado. Mas como um samurai imortal irá expiar os pecados cometidos pela sua espada? Lavando sua espada em sangue derramado, porém, de forma justa.

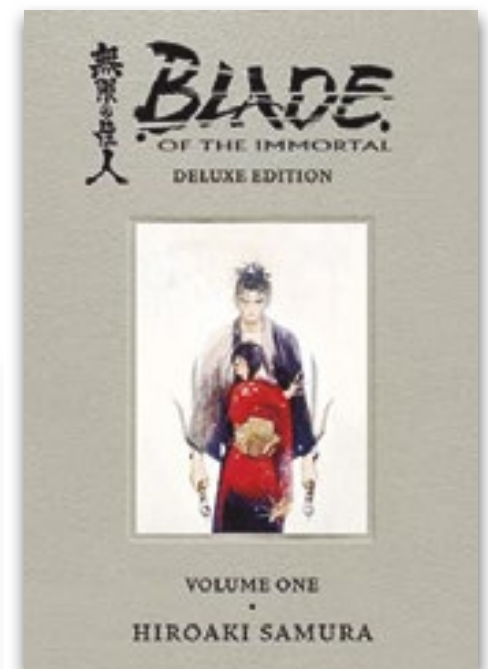
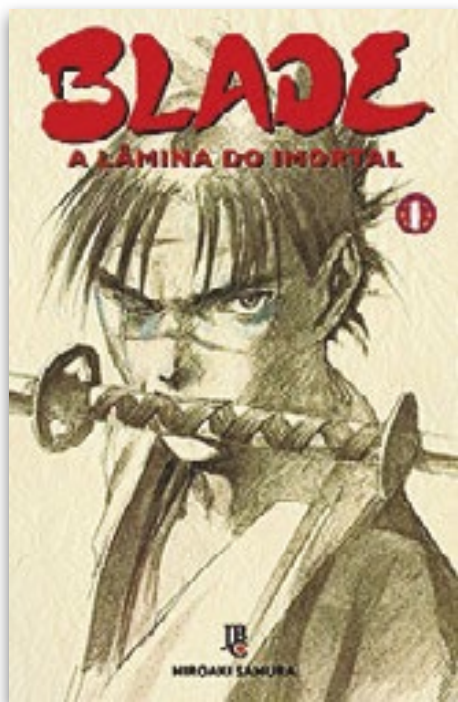
Na Amazon Prime, é possível encontrar uma série de desenhos animados, em 24 episódios, que adaptaram os quadrinhos de Samura, dirigida por Hiroshi Hamasaki. Já na Paramount + há uma joia: o longa-metragem live action, rodado por Takashi Miike e lançado no Festival de Cannes de 2017, com base nesse devastador giji.

Miike é um dos mais prolíficos cineastas da Ásia na atualidade e lançou, no ano passado, uma série animada – "Onimusha" – na Netflix. Em paralelo, o longa mais recente do diretor japonês, "The Mole Song: Final", exibido no Festival de Roterdã, corre



Amazon Prime exhibe o desenho animado inspirado no giji de Hiroaki Samura

Lâmina eterna



mundo afora. A produção encerra a trilogia iniciada com "Undercover Agent Reiji" (2014) e seguida por "Hong Kong Capriccio" (2017). Desta vez, os inimigos são um grupo mafioso italiano que rondam o porto de Yokohama. Mas, em meio às novidades ligadas ao seu nome, o realizador de "13 Assassinos" (2010) está invadindo a stremin-

guesfera por meio de um de seus melhores filmes, que nunca teve espaço em tela no Brasil. Sua forma de recriar "Blade of the Immortal" é capaz de surpreender até seus fãs.

"Sempre me apreço uma história, que vem da minha relação com o real e com o próprio cinema, celebrando o fato de poder

dar prestígio ao cinema de ação. Tento filmar o máximo que posso sempre desafiando as convenções cinematográficas do espaço e do tempo em narrativas que divirtam a plateia discutindo noções universais de honra e de respeito a partir de uma potência imagética", disse o diretor ao Correio da Manhã, durante o Festival de Cannes de 2019, onde surpreendeu a Quinzena dos Realizadores com "Primeiro Amor".

Em "Espada do Imortal", Takuya Kimura vive Manji, um ás da espada amaldiçoado com a eternidade. Na trama, ele precisa ajudar uma jovem, Rin (a hilária Hanna Sugisaki), a cumprir uma vingança. Miike investe num estilo pautado pela banalização da brutalidade como forma de retratar estratégias de se preservar memórias e tradições.

Banksy 'ataca' em tons verdes

O artista de rua que mantém identidade secreta reivindica autoria de uma enorme pintura verde junto à árvore em bairro residencial londrino



A obra mostra respingos de tinta verde atrás de uma árvore sem folhas

Quem olha de longe tem a impressão que o verde está preenchendo a folhagem da árvore desfolhada. No canto esquerdo do mural, o artista pintou ainda uma mulher em tamanho real que segura uma lavadora de alta pressão, como se a personagem tivesse esguichado a tinta na parede.

Banksy, o lendário artista de rua que mantém sua identidade em segredo, publicou uma foto da obra em seu Instagram feito na lateral de um bloco de apartamentos em Finsbury Park, no bairro de Islington, na zona norte de Londres.

Segundo o jornal londrino *The Guardian*, grupos de pessoas têm se dirigido ao local onde foi feito o mural para apreciar a obra e tirar fotos. Algumas argumentaram que o tom vivo do verde estaria ligado ao bairro onde a obra foi pintada, ou ao St. Patrick's Day, festa do santo padroeiro da Irlanda, comemorada no último domingo (17).

Outros apontam que a obra é uma provocação sobre a relação exploratória do homem com a natureza, e como a reconstrução de um mundo mais verde deve ser uma exigência popular.

Valorização instantânea

Banksy é conhecido por escolher muros aleatoriamente para usar em suas obras de arte, muitas vezes aumentando o valor dos imóveis em milhões, o que



Obra sobre violência doméstica de 2023 em que o painel interage com um freezer abandonado

'Love is in the Air' (2005), um dos mais famosos murais do artista



pode acontecer no local. James Roebuck, morador do prédio, não aprecia nem um pouco essa possibilidade. "Banksy veio

durante a noite e agora meu aluguel vai disparar", protestou em postagem no X (ex-Twitter).

Alex Georgiou, dono do bloco de apartamentos - comprado por 400 mil libras em 2012 - pensa diferente. "Eu estava rindo um pouco com as garotas que diziam que eu aumentaria o aluguel em 250%. mas não, não. Duvido. A menos que tenhamos um grande fã de Banksy que esteja preparado para pagar acima das probabilidades", declarou ao *Jornal Daily Mail*. "Se alguém me oferecesse milhões e pudesse ficar com o prédio e os apartamentos com ele. Sinta-se à vontade", acrescentou.

Ex-grafiteiro, ativista político e cineasta, Banksy é conhecido mundialmente por seus trabalhos em estêncil, facilmente encontrados nas ruas da cidade inglesa de Bristol (onde o artista teria nascido), em Londres e em várias cidades do mundo. Estudos apontam sua identidade como Robin Gunningham, mas há controvérsias.

Suas obras são carregadas de conteúdo social expondo claramente uma total aversão aos conceitos de autoridade e poder. Em telas e murais faz suas críticas, normalmente sociais, mas também comportamentais e políticas, de forma agressiva e sarcástica, provocando em seus observadores, quase sempre, uma sensação de concordância e de identidade. Apesar de não fazer caricaturas ou obras humorísticas, não raro, a primeira reação de um observador frente a uma de suas obras será o riso. Espontâneo, involuntário e sincero, assim como suas obras.